

# O PAPEL SOCIAL DA EDUCAÇÃO SUPERIOR

*Pedro Battagin Balieiro Miraldo\**

## **INTRODUÇÃO**

A sociedade atual é complexa. Mais complexa do que jamais foi. Vendo as relações interpessoais como a origem desta complexidade, podemos entender que há duas variantes que colocam nossa sociedade nesta posição. A população e a tecnologia. A população mundial hoje é de mais de 7 bilhões de pessoas e segue crescendo como fez por centenas de anos. Por este motivo a quantidade de relações interpessoais deveria aumentar proporcionalmente, mas não o faz desta forma, pois a evolução da tecnologia permite hoje que a quantidade de relações interpessoais realizadas seja cada vez maior. Ou seja, o crescimento demográfico combinado com o crescimento tecnológico resulta em um crescimento exponencial no número de relações interpessoais realizadas mundialmente, tendo no hoje sua maior expressão, o que aumenta a complexidade social em todos os sentidos.

Posto isso, é possível entender que qualquer trabalho que se proponha a discutir um aspecto social inevitavelmente tangenciará tantos outros aspectos. Apenas a habilidade de recortar o objeto de estudo que determinará até que ponto estes outros aspectos serão iluminados. Não é diferente com este trabalho.

Começemos considerando o título: "O papel social da educação superior", o qual pretende mostrar que este estudo tem como finalidade investigar a expressão do papel social da educação no contexto atual a partir de um levantamento da literatura científica, direcionando

---

\* Graduado em Arquitetura e Urbanismo, Mestre em Arquitetura e Urbanismo e Especialista em Docência na Educação Superior, pela Universidade Presbiteriana Mackenzie.

centralmente esta discussão, porém, como acontece com o tronco de uma árvore, será necessário fazer algumas ramificações a partir dele com o intuito não só de enriquecer o trabalho, mas também de completá-lo.

Sendo assim, para introduzir a discussão começa-se apresentando o contexto atual da nossa sociedade identificando algumas de suas características. Em seguida uma definição de 'papel social' é esboçada e questiona-se a necessidade de 'atores sociais'. Então o tema 'educação' é abordado em resposta à análise social previamente realizada e conseqüentemente é apresentado um conflito resultante desta equação. Para contribuir com esta discussão é apresentado o estado da arte desta questão, o que nos leva a investigar o papel do professor e, por fim, realizar uma projeção sobre o desenvolvimento da educação.

## **1. Panorama atual**

A breve exposição sobre a sociedade apresentada a seguir baseia-se apenas em observações realizadas pelo autor sobre o contexto em que vive. Além de ser uma experiência empírica, é importante lembrar que o que se segue está inevitavelmente condicionado a alguns limites (geográficos, virtuais, cronológicos, culturais, etc.) e que apesar de ter estes motivos como garantia de que não representa a totalidade da realidade social atual, como se verá, também é inegável que não deixa de condizer com uma parcela considerável desta realidade. Na conclusão será possível ler um pouco mais sobre a totalidade da realidade social atual.

Antes de continuar faz-se necessário relembrar uma das maiores figuras da história da filosofia, Sócrates, pois será utilizado um de seus instrumentos, a maiêutica, na sequência do texto. Apenas com a finalidade de ilustrar a comparação presente no próximo parágrafo, resumidamente, a maiêutica é um instrumento socrático que através de

questionamentos simples primeiro leva o interlocutor a duvidar do próprio conhecimento e em seguida promove a concepção de uma nova ideia, mais complexa, sobre o assunto.

Utilizando a maiêutica através da generalização (quando se entende um conceito e se consegue aplicá-lo em outro contexto), será empregado um instrumento de *modus operandi* semelhante ao seu, questionando alguns aspectos da sociedade, sendo que após sua aplicação teremos apenas dois resultados possíveis: ou a análise nos mostra que o aspecto observado faz sentido e assim o mantemos existindo da forma que está, ou a análise nos mostra que o aspecto não faz sentido dentro do nosso contexto social e imediatamente a busca de soluções, alternativas, melhorias ou até mesmo sua exclusão passam a ser necessárias, sendo vedado apenas mantê-lo existindo da forma que se apresenta.

Neste ponto existem duas maneiras de abordar os aspectos comentados. Uma seria listando-os, o que representa uma aproximação passiva, na qual é somente necessário elencar. A outra seria analisando-os, o que já engloba a ação de listar, mas, além disso, faz com que seja necessário demonstrar uma visão crítica sobre o objeto, configurando uma aproximação ativa. Porém, apesar de passiva e ativa, as abordagens acabam sendo também imparcial e parcial, respectivamente, pois a visão crítica aplicada na abordagem analítica depende necessariamente do conjunto de valores do observador. Sendo assim, a fim de evitar a parcialidade da análise subjetiva (e deixando que cada leitor faça suas próprias associações, como se aplicasse o instrumento análogo à maiêutica), segue, por ora, uma relação de aspectos sociais e alguns fatos relacionados a eles.

Começando pela política, vemos atualmente um número cada vez maior de casos de corrupção, de acusações, de impunidade, de promessas não cumpridas, de leis incoerentes, de desvios de verba, de condutas duvidosas, de superfaturamento, de ausência de ideologias, de candidatos despreparados e outras coisas mais, e tudo isso

independentemente do partido político ou região administrativa. Já na economia, temos hoje uma “entidade” que é tratada como algo de vida própria, o “Mercado”, o qual produz empresas extremamente desumanas que tratam o meio ambiente de forma completamente irresponsável e para as quais os indivíduos não passam de peças necessárias ao seu funcionamento. Na questão da economia um fato atual gerou uma pergunta inquietante: se os recursos naturais dos países europeus, recentemente em crise, não sofreram alteração, como explicar esta grande recessão que os afetou? Outro aspecto aparece como um dos pilares da economia, o consumismo, patrocinado pela Propaganda que tenta legitimar os atos duvidosos das corporações. Consumismo este que planta necessidades nos indivíduos e produz através de processos como o da “obsolescência planejada” (quando um produto é fabricado para durar apenas um período específico de tempo, a fim de estragar ou ficar desatualizado perante um novo produto e gerar a necessidade de uma nova compra). Na sociedade ainda vemos diversos tipos de preconceitos, como o racismo e a homofobia, dos quais realmente não é necessário escrever muito visto a quantidade de fatos sobre eles, entre crimes absurdos e piadas quotidianas inocentes. Outro aspecto a se lembrar é a questão da violência, a qual de tão corriqueira já foi drasticamente banalizada voltando ao foco das notícias apenas quando eventos de proporções metropolitanas acontecem, caso contrário permanece apenas marcando presença nas tristes e repetitivas páginas policiais. Temos ainda a alienação como um aspecto de grande impacto na população, pois compreende a preocupação incessante de se estar dentro dos padrões de beleza (o que gera transtornos alimentares severos, alto índice de cirurgias plásticas e problemas de relacionamento interpessoal), a sexualidade exacerbada (marca indelével da juventude e carro-chefe de subcelebridades que de artistas não tem nada), a cultura deficiente (visto que somente se consome a cultura pasteurizada oferecida pela mídia dominante), entre outros. Até mesmo o sistema de saúde ao qual estamos submetidos está totalmente corrompido, na esfera pública a verba não se concretiza em

infraestrutura suficiente devido à má gestão dos recursos (ou corrupção ativa mesmo) e na esfera privada os planos de saúde tem por objetivo o lucro, indo de encontro com o objetivo primordial que seria a promoção de bem estar, sem falar na indústria farmacêutica que manipula pesquisas científicas e conduz experimentos ilegais em populações carentes. Além destes seria possível continuar por um longo tempo discursando sobre outros aspectos como desemprego, analfabetismo, xenofobia (externa e interna), ausência de patriotismo, tráfico de drogas, falta de memória histórica, desigualdade social, poluição, música popular brasileira moderna, fome, simulacro cultural, trabalho escravo moderno, trânsito, favelas, direitos humanos, guerras e outros mais, mas o que temos apresentado já é suficiente para prosseguirmos. A partir deste momento, imaginando que o leitor já pôde considerar o que foi apresentado, será adicionado um tom mais crítico à narrativa.

Os aspectos apresentados não são todos os aspectos existentes na sociedade, mas é possível entender que representam boa parte da vida cotidiana de um indivíduo comum e muitos influenciam as pessoas determinadamente, impactando suas vidas a ponto de alterar significativamente seus futuros. Porém, por causa da qualidade verificada nestes aspectos estas consequências serão negativas e a vida da população como um todo será prejudicada. Pensando melhor, não é necessário falar no futuro. Algumas perguntas retóricas nos mostram que esta prática é bem atual e, mais do que isso, tem raízes históricas. Podemos imaginar algumas delas: Quem acredita completamente nos políticos? Quem acha que é possível todos sermos ricos ao mesmo tempo? Quem nunca ouviu uma piada sobre homossexuais? Quem foi o campeão do último *Big Brother* Brasil? Quem concorda com a quebra de decoro parlamentar? Quem acha que nossa justiça está desatualizada? Como uma prisão privada lucra? Quais são as músicas nacionais mais ouvidas hoje? Quem acha que a burocracia dos sistemas públicos é exagerada? De que forma os negros foram tratados no Brasil colônia? E os índios? E como eles são tratados hoje? Quem se sente

completamente seguro para andar por qualquer rua a qualquer hora? Quem sabe qual é o dia do folclore brasileiro? E do *Halloween*?

Enfim, agora com nossa situação social apresentada<sup>1</sup>, passemos para o segundo momento da aplicação do nosso instrumento de análise semelhante à maiêutica socrática, visto que no primeiro momento nenhum dos aspectos se mostrou bom o suficiente para ser mantido existindo da forma que se apresenta atualmente. No entanto, aqui não serão propostas soluções ou melhorias para cada aspecto social apresentado, pois isso, como se verá mais tarde, seria um recurso paliativo. Se lembrarmos que vamos tratar da educação dentro de um macrotema que é a sociedade, como falado no início, as propostas devem atingir as bases da estrutura social e não apenas algumas de suas ramificações.

Para entender minimamente o descrito mais acima é necessário um ser humano que se dispa de seu ego e emoções e se apegue à lógica, a qual, antes mesmo do bom senso, é suficiente para conduzi-lo por qualquer caminho que lhe interesse. Porém, a escolha destes caminhos depende de suas intenções, as quais somente serão mais holisticamente interessantes conforme o esclarecimento que ele tenha sobre seu papel social. Ou seja, os cidadãos que se deparam com o apresentado acima e somente conseguem reagir com frases do tipo: “mas as coisas sempre foram assim”, representam exatamente os indivíduos sem consciência social que não apresentam intenções benéficas para o todo, para o qual a lógica só serve para traçar meios de alcançar objetivos pessoais e, possivelmente, se necessário, em degradância do próximo ou a favor do acúmulo de capital. Ou ambos. Ou seja, qualquer forma de determinismo, fatalismo ou conformismo deve ser combatido e o desabrochar da consciência filosófica e crítica incentivado, a consciência de um sujeito de olhar ativo e não um olhar passivo e

---

<sup>1</sup> Notar que o autor reconhece, apoia e participa de diversos outros aspectos que são bastante positivos socialmente, porém estes, diferentemente dos apresentados aqui, não contribuiriam com o desenvolvimento do texto se questionados, tendo sido assim deixados de fora de maiores considerações.

conformado. Neste ponto concordamos com Paulo Freire e sua "recusa rigorosa aos fatalismos quietistas que terminam por absorver as transgressões éticas em lugar de condená-las".<sup>2</sup>

O indivíduo que observa qualquer um destes aspectos sociais deficientes e enxerga a dimensão de sua perversidade deveria passar automaticamente a ser responsável por atuar em sua melhoria, pois negligenciar o fato, neste caso é o mesmo que concordar. Então de que indivíduos precisamos? Precisamos de atores sociais, indivíduos que, além das definições existentes, são entendidos neste trabalho como pessoas, e não empresas, entidades ou organizações, pois estas só atuam através da presença humana, através das tomadas de decisões inerentes ao humano. Também não só como alguém que atua na sociedade, pois a atuação pode proporcionar efeitos benéficos ou maléficos dependendo das intenções, mas sim, alguém que colabora com sua melhoria e progresso. Enfim, alguém ativo, crítico, atuante, determinado, envolvido, atento, corajoso, informado, decidido, consciente e, sobretudo, universalmente ético.

Para a visão filosófica, a própria descrição de um ator social já justifica a preocupação com sua presença, ainda mais em um contexto como o analisado há pouco, no qual algumas características indesejáveis se atenuariam conforme a porcentagem de atores sociais aumentasse. Sendo assim, como aumentar esta porcentagem?

---

<sup>2</sup> FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011b, p.98.

## 2. O papel da educação

Exatamente, a educação é o melhor caminho para aumentar a porcentagem de atores sociais. Na verdade a formação de atores sociais é uma obrigação da educação, pois, enquanto instrumento de ação das instituições formadoras, deve se (re)adequar a esta necessidade e direcionar a formação do aluno neste sentido, pois, atualmente, apesar de apresentar elementos produzidos por políticas públicas que se esforçam para isso, se mostra muito aquém do que seria necessário para contornar a presença das transgressões éticas dos aspectos analisados. Segundo ADORNO, "a desbarbarização da humanidade é o pressuposto imediato da sobrevivência. Este deve ser o objetivo da escola, por mais restritos que sejam seu alcance e suas possibilidades".<sup>3</sup> Deste modo, instrumentos que visem promover a formação de atores sociais devem ser efetivamente introduzidos na educação por políticas públicas para assim fazer parte do currículo formal, ao invés de aparecer ocasionalmente em alguns currículos ocultos. "A educação não *vira* política por causa da decisão deste ou daquele educador. Ela é política".<sup>4</sup>

Os aspectos sociais levantados no início mostram como os indivíduos de hoje encontram-se em um estado extremamente passivo frente a possibilidade de melhorias coletivas (porém bastante ativos nas buscas pessoais) e estando eles alimentando ingenuamente o *status quo*, não percebem a necessidade de exercerem seus direitos de cidadãos ou, pior ainda, acreditam que o que devem fazer é mesmo batalhar por melhorias pessoais mesmo que isso signifique o detrimento do próximo. Portanto, "não sendo um dom natural, essa capacidade de resistir à avalanche de assédios sistêmicos depende de um processo de educação

---

<sup>3</sup> ADORNO, Theodor. **Educação e emancipação**. Tradução de: MAAR, Wolfgang Leo. São Paulo: Paz e Terra, 1995, p.117.

<sup>4</sup> FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011b, p. 108, grifo do autor.

crítica, de formação da estrutura subjetiva do indivíduo".<sup>5</sup> Contudo, por mais que falar de enfoque político ou resistência a assédios, por serem expressões mais maduras, possa remeter à educação de jovens ou adultos, isso também é extremamente válido na educação infantil.

Aqui vale lembrar do papel da educação. Porque as crianças são enviadas à escola? "Por que todo mundo envia", "porque não tenho ninguém pra deixar enquanto eu trabalho", "pra ser alguém na vida". Não! Embora "pra ser alguém na vida" tenha o seu mérito. Mas o objetivo fundamental da educação é promover o contato com a produção do conhecimento da humanidade com a finalidade de ampliação das capacidades cognitivas, desenvolvimento de faculdades psicológicas superiores, composição de operações de pensamento, desenvolvimento de um pensamento crítico e uma visão complexa sobre a sociedade, pois ao conhecer esta complexidade a pessoa poderá se sentir parte deste mundo, impedindo assim a ação da ignorância, da alienação. É como quando Paulo Freire, explicando como um ser pode se comprometer com a sociedade, diz que "é preciso que seja capaz de, estando no mundo, saber-se nele".<sup>6</sup> Por isso as crianças e jovens tem contato com as mais diferentes matérias, contatos que geralmente geram perguntas como "pra que eu vou usar isso na minha vida?", mas o que não se vê é que apesar daquele conteúdo específico poder não ser mais visto, sua dinâmica e seus conceitos, se aprendidos, poderão ser aplicados no futuro, e quando temos a mesma situação com diferentes conteúdos combinados (complexidade), as diferentes dinâmicas e conceitos poderão ser generalizados gerando associações nas mentes de forma a possibilitar cada vez mais uma maior compreensão do seu ambiente e seus participantes. Ou seja, a educação ajuda a compreender o mundo. Quanto mais educação, menos complexidade.

---

<sup>5</sup> GOERGEN, Pedro. Educação instrumental e formação cidadã: observações críticas sobre a pertinência social da universidade. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 37, p. 59-76, mai./ago. 2010, p. 72. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40602010000200005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602010000200005&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 21 jun. 2013.

<sup>6</sup> FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011a, p.19.

Assim, ao mesmo tempo que precisamos da educação para contribuir com a formação de indivíduos que compreendam a complexidade de seus ambientes, precisamos de atores sociais para atuar na melhoria destes ambientes. O que nos falta nesta equação é apenas a ponte entre uma parte e outra: a formação de atores sociais e para isso nada melhor que a própria educação, pois "como experiência especificamente humana, a educação é uma forma de intervenção no mundo"<sup>7</sup>. Ou ainda, mais do que isso, "a educação é um processo de humanização, que ocorre na sociedade humana com a finalidade explícita de tornar os indivíduos em participantes do processo civilizatório e responsáveis por levá-lo adiante".<sup>8</sup> Logo, a educação já tem esta qualidade intrínseca, latente, porém hoje, extremamente subutilizada, inibida. Resta agora entender o motivo.

### 3. Impasse

Os temas apresentados anteriormente se misturam aqui de um modo que ainda não nos permite ver a razão pela qual a educação, mesmo tendo em sua história a preocupação com a formação de atores sociais, não consegue hoje exercer plenamente esta qualidade. Isso se deve ao mesmo problema que apareceu quando falávamos da lógica que pode nos conduzir pelos caminhos que nos interessem, ou seja, depende da intenção. E a educação atual está carregada das mais opostas intenções.

É neste ponto que aparece um dos principais conflitos da educação atual, "representado pelo confronto entre uma educação baseada na teoria do capital humano e uma educação inspirada na teoria da

---

<sup>7</sup> FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011b, p. 96.

<sup>8</sup> PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos. **Docência no ensino superior**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2010, p. 80.

emancipação humana”<sup>9</sup>, ou seja, a educação superior que temos hoje trata os alunos como futuros trabalhadores e, pior, os alunos entendem a graduação apenas como ponte para o mercado de trabalho, o que faz com que se foquem somente na parte final, a obtenção do diploma, fazendo com que deixem de dar importância ao percurso que os levará até lá: a educação, o conhecimento.

Aproveitando desta dinâmica, podemos ressaltar a proliferação de Instituições de Educação Superior particulares, pois estas não são mais vistas como locais de aprendizagem, mas sim como um negócio, que por sinal tem se mostrado bastante lucrativo. No passado decidia abrir uma instituição de ensino aquele que tinha como preocupação e motivação a propagação do conhecimento, hoje quem abre instituições de ensino são os empresários, filhos inegáveis do neoliberalismo. Desta forma como acreditar que seu ensino seja realmente a promoção da autonomia do indivíduo ou a produção de conhecimento?

Já “as universidades públicas, assim como a educação pública em geral, se debate num confronto de múltiplas frentes”<sup>10</sup> quando se trata do conflito apresentado.

Um claro registro deste conflito aparece quando Lima apresenta

uma importante referência desta intensificação da mercantilização da educação superior no início do novo século [...] expressa no documento do BM [Banco Mundial] intitulado *Construir sociedades de conocimiento: nuevos desafíos para la educación terciaria*, publicado em 2002.<sup>11</sup>

---

<sup>9</sup> SEVERINO, Antônio Joaquim. O ensino superior brasileiro: novas configurações e velhos desafios. In.: **Educar**. Curitiba: UFPR, nº 31, p. 73-89, 2008, p.73.

<sup>10</sup> Ibid., p.84.

<sup>11</sup> LIMA, Kátia Regina de Souza. O Banco Mundial e a educação superior brasileira na primeira década do novo século. **Revista katálysis**, Florianópolis, v. 14, n. 1, p. 86-94, jan./jul. 2011, p. 89, grifo do autor. Disponível em:

Outro importante registro deste conflito aparece no seguinte estudo quando, complementando o apresentado acima, mostra

por meio dos documentos elaborados durante a Conferência Mundial de Educação Superior [CMES] em 1998 (Unesco, 1998a; 1998b), [que] a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) tornou-se, na análise de importantes intelectuais (Maia, 1999; Trindade, 1999; Santos, 1998), o principal organismo internacional que fez oposição às teses do Banco Mundial, ao defender a presença e a responsabilidade do Estado pelo Ensino Superior e o acesso a ele, opondo-se a qualquer forma de mercantilização.<sup>12</sup>

12

Porém o mesmo estudo mostra que

passada uma década [CMES-2009], a Unesco passou a incorporar e aceitar, como naturalmente válidos, princípios neoliberais aplicados à educação, levantando uma nova bandeira global no campo ético-político (a luta contra as fábricas de diplomas), que se alicerça na valorização da RSES [responsabilidade social da educação superior] enquanto princípio ético que tenta equilibrar-se na tensão entre o liberalismo político (direitos humanos) e o liberalismo econômico (hipervalorização do

---

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-49802011000100010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-49802011000100010&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 21 jun. 2013.

<sup>12</sup> CALDERÓN, Adolfo Ignacio; PEDRO, Rodrigo Fornalski; VARGAS, Maria Caroline. Responsabilidade social da educação superior: a metamorfose do discurso da UNESCO em foco. **Interface - Comunicação, saúde, educação**, v.15, n. 39, p. 1185-98, out./dez. 2011, p. 1186. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-32832011000400017&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832011000400017&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 21 jun. 2013.

mercado), metamorfoseando-se e adaptando-se ao que parece ser irreversível: a vitória da educação como serviço comercial no âmbito da Organização Mundial do Comércio.<sup>13</sup>

Frente a isso e a fim de retirar um pouco do peso da irreversibilidade comentada acima, concordo com Paulo Freire quando diz: "Espero, convencido de que chegará o tempo em que [...] o mundo se refará e recusará a *ditadura* do mercado, fundada na perversidade de sua ética do lucro".<sup>14</sup> Entretanto, para isso acontecer precisamos de ações, o que nos leva a questionar: o que se tem feito sobre isso atualmente?

#### 4. O estado da arte

Para responder a esta questão o ideal seria realizar um levantamento na própria sociedade, porém o esforço exigido para tal não poderia ser absorvido na preparação deste texto. Então como alcançar estes dados, e melhor ainda, visualizar um cenário ainda mais abrangente? - Através de um levantamento bibliográfico.

Assim sendo, foi realizado um levantamento em alguns reconhecidos sítios virtuais de armazenamento de produção científica nacional da área, como a Revista Brasileira de Educação (RBE) da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), hospedada em <http://www.anped.org.br/rbe/rbe/rbe.htm> ou genéricos, como Scientific Electronic Library Online (SciELO), hospedado em <http://www.scielo.br/>.

Dentro de um total de 2.079 artigos encontrados utilizando variadamente os termos "educação", "superior" , "ator", "papel" e "social"

---

<sup>13</sup> Ibid., p. 1186.

<sup>14</sup> FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 2011b, p. 125, grifo do autor.

foi realizada a análise dos títulos e, quando necessário, dos resumos para selecionar apenas os artigos que tratassem do papel social da educação ou da formação de atores sociais, seleção esta que resultou na escolha de apenas 14 artigos que se encaixaram de alguma maneira nos pré-requisitos. Contudo, apesar do bastante seletivo filtro aplicado, após a leitura dos artigos foi possível perceber que alguns na verdade não se tratavam exatamente do que se esperava, muitos já tinham uma relação bastante comum com o tema deste trabalho e poucos realmente serviram como referência sobre o que se estava buscando. Também é necessário lembrar que para este trabalho a contribuição do material encontrado é qualitativa, uma vez que a verificação da presença do tema "formação de atores sociais" traz embasamento para a discussão que aparece na sequência.

A leitura destes artigos proporcionou a aproximação com algumas áreas bastante interessantes que, como já citado, são ramificações do tema central. Vejamos o que foi possível observar neles.

Alguns artigos tratavam especificamente de aspectos sociais como os apresentados na primeira parte deste trabalho, sendo eles "direitos humanos"<sup>15</sup>, "racismo"<sup>16</sup> e "violência homofóbica"<sup>17</sup>, porém sem grandes contribuições para este tema (mas, como se verá proposto na conclusão, de grande valor para trabalhos paralelos). Outros acabaram contribuindo com outras seções deste trabalho, como os artigos de

---

<sup>15</sup> ESTÊVÃO, Carlos V. Direitos humanos e educação para uma outra democracia. **Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 70, p. 9-20, jan./mar. 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40362011000100002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40362011000100002&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 21 jun. 2013.

<sup>16</sup> FREITAS, Marcos Cezar de. Política social e racismo como desafios para historiadores da educação. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, RJ, v. 11, n. 3, p. 797-803, set./dez. 2004. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-59702004000300017&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702004000300017&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 21 jun. 2013.

<sup>17</sup> MURTA, Sheila Giardini et al. Sobre a violência homofóbica na educação brasileira. **Psicologia & Sociedade**, v. 23, n. 2, p. 438-441, mai./ago. 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822011000200026&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822011000200026&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 21 jun. 2013.

Serafim<sup>18</sup>, Lima<sup>19</sup>, Calderón, Pedro e Vargas<sup>20</sup> e do Grupo de estudos e pesquisas sobre educação superior<sup>21</sup>, todos voltados de alguma forma para questões envolvendo a presença do neoliberalismo na educação atual. Sob o mesmo enfoque temos ainda Gamarnikow<sup>22</sup>, porém com um viés mais voltado às desigualdades presentes na globalização.

O artigo de Benevides<sup>23</sup> o qual trata da significação da educação inclusiva mostra como as políticas de inclusão do cenário educacional tendem à normatizar e padronizar as diferenças e diversidades, constituindo um artifício que se alimenta de mecanismos de exclusão para gerar, inversamente, dispositivos de inclusão. Enfim, outro tema paralelo importante, mas sem relevância para o presente estudo. Já outro artigo aborda "o impacto do desempenho das instituições de

---

<sup>18</sup> SERAFIM, Milena Pavan. O processo de mercantilização das instituições de educação superior: um panorama do debate nos EUA, na Europa e na América Latina. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)**, Sorocaba, v. 16, n. 2, p. 241-265, jul. 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-40772011000200002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-40772011000200002&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 21 jun. 2013.

<sup>19</sup> LIMA, Kátia Regina de Souza. O Banco Mundial e a educação superior brasileira na primeira década do novo século. **Revista katálysis**, Florianópolis, v. 14, n. 1, p. 86-94, jan./jul. 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-49802011000100010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-49802011000100010&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 21 jun. 2013.

<sup>20</sup> CALDERÓN, Adolfo Ignacio; PEDRO, Rodrigo Fornalski; VARGAS, Maria Caroline. Responsabilidade social da educação superior: a metamorfose do discurso da UNESCO em foco. **Interface - Comunicação, saúde, educação**, v.15, n. 39, p. 1185-98, out./dez. 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-32832011000400017&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832011000400017&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 21 jun. 2013.

<sup>21</sup> GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISAS SOBRE EDUCAÇÃO SUPERIOR. Dilemas da educação superior no mundo globalizado: sociedade do conhecimento ou economia do conhecimento? **Educação & sociedade**, Campinas, v. 28, n. 98, p. 281-285, jan./abr. 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302007000100015&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302007000100015&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 21 jun. 2013.

<sup>22</sup> GAMARNIKOW, Eva. Educação, (in)justiça social e direitos humanos: combatendo desigualdades na globalização turbocapitalista. **Revista Brasileira de Educação**, v. 18, n. 52, p. 189-243, jan./mar. 2013. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782013000100011&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782013000100011&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 21 jun. 2013.

<sup>23</sup> BENEVIDES, Pablo Severiano. As retóricas contemporâneas e a significação da educação inclusiva. **Psicologia & Sociedade**, v. 23, n. 2, p. 248-253, ago. 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822011000200005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822011000200005&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 21 jun. 2013.

educação básica na qualidade do ensino superior"<sup>24</sup> da apresentação de múltiplos insumos e calcula alguns índices por meio de técnicas específicas que mostram resultados comparativos sobre como a qualidade do ensino superior é mais ou menos influenciada por determinados anos do ensino fundamental, configurando assim outro artigo que não consegue contribuir com o procurado aqui, pois embora promissor, não especifica de que forma esta contribuição entre ensinos acontece.

Entre os artigos que mais se aproximaram da temática buscada destaca-se a preocupação de Silva<sup>25</sup> ao esclarecer que não é possível analisar a qualidade social na educação através de indicadores baseados em teorias econômicas, no entanto ela o faz dentro de um tema que se pode classificar como "vizinho" ao tratado aqui, pois, entre outras aproximações, apresenta "alguns elementos indicadores de qualidade social na educação", ou seja, mostra contribuições externas (sociais) que colaboram para a qualidade da educação. De certo modo em seu artigo a qualidade social antecede a educação analisada, enquanto no presente trabalho a questão é a qualidade dos atores sociais durante ou em um momento posterior à sua experiência educativa, ou seja, quando egressos.

Já Tassigny<sup>26</sup> argumenta de modo bastante específico sobre a visão do filósofo húngaro Georg de Lukács a respeito da ética e da ontologia e,

---

<sup>24</sup> GRAMANI, Maria Cristina Nogueira; DUARTE, André Luís de Castro Moura. O impacto do desempenho das instituições de educação básica na qualidade do ensino superior. **Ensaio: avaliação e políticas públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 72, p. 679-702, jul./set. 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40362011000400011&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40362011000400011&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 21 jun. 2013.

<sup>25</sup> SILVA, Maria Abádia da. Qualidade social da educação pública: algumas aproximações. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 29, n. 78, ago. 2009. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-32622009000200005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622009000200005&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 21 jun. 2013.

<sup>26</sup> TASSIGNY, Mônica Mota. Ética e ontologia em Lukács e o complexo social da educação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 25, abr. 2004. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782004000100008&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782004000100008&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 21 jun 2013.

em seguida, do complexo social da educação. Em consonância com este trabalho mostra que "para Lukács, as ações dos indivíduos singulares repercutem, sem cessar, na vida dos outros e, ao menos potencialmente, são capazes de influir na sociedade inteira e, no limite, no destino mesmo do gênero humano"<sup>27</sup>. Porém ao abordar o complexo social da educação explica que por "complexo..." pode-se entender "categoria" e ao tratar de "...social da educação" acaba se prendendo mais à origem deste complexo dando um tom bastante histórico à discussão, distanciando-se do tema que era buscado na leitura.

O artigo de Ghanem, "A educação na mudança social: lugar central, lugar secundário e lugar nenhum" ilustra a "hipótese de que há uma discrepância entre o sentido geral atribuído à educação pelos enfoques sociológicos e aquele que é conferido por autoridades públicas e profissionais de organizações escolares"<sup>28</sup> e trata o tema "mudança social" como mudança nas condições de vida, o qual aparece indicando que a educação deve se adequar às novas configurações da sociedade, a qual nunca é estática, e sim, uma sequência dinâmica de diversos processos. Este pensamento não contradiz o defendido no presente trabalho, pois apesar de ser, digamos, o inverso, uma vez que aqui é pretendido ressaltar a importância de uma educação formadora de cidadãos ativos que modifiquem a sociedade, os dois raciocínios se complementam.

Por último, foi verificado o artigo de Goergen<sup>29</sup>, o qual, finalmente, trata exatamente do tema procurado e o aborda de uma maneira bastante

---

<sup>27</sup> Ibid., p. 83.

<sup>28</sup> GHANEM, Elie. A educação na mudança social: lugar central, lugar secundário e lugar nenhum. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 45, p. 213-229, jul./set. 2012, p. 214. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40602012000300015&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602012000300015&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 21 jun. 2013.

<sup>29</sup> GOERGEN, Pedro. Educação instrumental e formação cidadã: observações críticas sobre a pertinência social da universidade. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 37, p. 59-76, mai./ago. 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40602010000200005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602010000200005&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 21 jun. 2013.

satisfatória. Com a intenção ilustrar melhor esta correspondência, compartilho a seguir sua descrição:

No presente ensaio, pretendo primeiro, lançar um olhar crítico sobre o conceito de pertinência social da universidade na tentativa de desvelar eventuais supostos ideológicos nele envolvidos quando entendido como adaptação da universidade ao socioeconômico. Num passo seguinte, me proponho discutir brevemente o conceito de educação instrumental como um dos aspectos centrais da pertinência social da universidade. Por último, tento interpretar a ideia de formação cidadã na perspectiva da formação do sujeito como um elemento indispensável ao sentido mais amplo e transformador da pertinência social.

No conjunto, desejo contribuir para um aprofundamento crítico do conceito de pertinência social através do resgate da formação crítica dos estudantes enquanto pessoas e cidadãos capazes não só de se integrar na sociedade, mas também, de contribuir para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e humana.<sup>30</sup>

A contribuição do artigo de Pedro Goergen a este estudo foi ampla, pois, ainda que não tenha sido muito citado aqui, esclareceu de maneira bastante rica, durante a pesquisa, o panorama da pertinência social na educação. Contudo, esta é a visão de apenas um autor.

O que se pode concluir, primeiro considerando a quantidade de artigos selecionados através de seus títulos e resumos e, depois considerando as leituras sobre estes realizadas, é que artigos que tratam de assuntos

---

<sup>30</sup> Ibid., p. 60.

próximos aos temas "papel social da educação" e "formação de atores sociais" tem uma presença estatisticamente irrelevante na literatura atual. O que se torna ainda mais alarmante quando comparado à relevância que o tema sugere ao lembrarmos das condições em que a sociedade atual se encontra. E mais, a temática especificamente procurada, pelo menos dentro do universo considerado, aparece apenas em um artigo, parcialmente, e, plenamente, em outro.

Frente a isso é necessário entender de que forma será possível inserir na educação esta qualidade, sendo ela: a promoção da formação de atores sociais possibilitando assim o cumprimento do papel social da educação.

## 5. O papel do professor

O professor, enquanto elemento de ligação entre a educação e o aluno, será o catalisador deste movimento. Porém podemos notar que se considerarmos o professor como agente desta transformação, é importante que este professor seja ele mesmo um ator social, pois não é possível que um professor passivo, alienado à sua sociedade e história possa formar um aluno atuante socialmente. Neste ponto uma identidade profissional docente bem construída se coloca como requisito para a formação de atores sociais. “Uma identidade profissional se constrói, pois, com base na significação social da profissão; na revisão constante dos significados sociais da profissão; na revisão das tradições”.<sup>31</sup> O próprio termo "revisão" já remete à maiêutica citada previamente, e estando este professor disposto a "olhar novamente" para suas experiências e tradições, provavelmente também se disporá a repensar o que não fez mais sentido para ele.

---

<sup>31</sup> PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos. **Docência no ensino superior**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2010 p. 77.

O posicionamento crítico e filosófico do indivíduo, enquanto cidadão, se faz socialmente necessário, seja ele aluno ou professor. No entanto, dentro dos processos educacionais, o professor deveria ser o mediador que favorece esta formação ao educando, porém o mais comum é o professor atuar na área da educação de forma estéril, apática às necessidades de seu ambiente. Paulo Freire, ao falar do compromisso do profissional com a sociedade, mostra que "a primeira condição para que um ser possa assumir um ato comprometido está em ser capaz de agir e refletir"<sup>32</sup>, ou seja, de acordo com a descrição citada previamente, é necessário ser um ator social. Melhor dizendo, antes mesmo de poder formar atores sociais, o professor deve necessariamente ser, ele mesmo, um ator social. O problema é que a influência neoliberal na educação já integrou inúmeros indivíduos (professores e alunos) à sua lógica perversa, e assim, "integrado, o sujeito deixa de ser ele mesmo não apenas enquanto ser individual autônomo, mas também, como ser político"<sup>33</sup>, e esses seres apolíticos e heterônomos engrossam cada vez mais a voz do discurso do livre mercado, sem perceberem (ou fechando os olhos) as desastrosas consequências que isso causa à sociedade.

Uma palavra bastante relacionada à educação, quando vista sob este prisma, é "autonomia", a qual tem muito a compartilhar com a formação de atores sociais. Segundo Paulo Freire, o papel fundamental do professor "é contribuir positivamente para que o educando vá sendo o artífice de sua formação com a ajuda necessária do educador. [Deve] estar atento à difícil passagem ou caminhada da *heteronomia* para a *autonomia*".<sup>34</sup>

Todavia, a parcela de professores com esta identidade profissional desenvolvida e atuante é mínima. "A identidade não é um dado

---

<sup>32</sup> FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011a, p.18.

<sup>33</sup> GOERGEN, Pedro. Educação instrumental e formação cidadã: observações críticas sobre a pertinência social da universidade. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 37, p. 59-76, mai./ago. 2010, p. 71. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40602010000200005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602010000200005&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 21 jun. 2013.

<sup>34</sup> FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011b, p. 68-69, grifo do autor.

imutável. Nem externo, que possa ser adquirido como uma vestimenta. É um processo de construção do sujeito historicamente situado".<sup>35</sup> No entanto, a profundidade na qual os sujeitos estão imersos no modelo neoliberal vigente não permite que estes, antes mesmo de pensar em mudar, assumam esta necessidade. A ingenuidade com que seguem as lógicas do mercado leva muitos à prepotência de se acharem sujeitos completos. Sócrates dizia que o sábio é aquele que não está do lado do poder, e sim da verdade, porém o poder vinculado ao dinheiro é hoje muito mais sedutor e sua propaganda é extremamente eficiente, chegando até mesmo a apagar da mente de tais sujeitos a possibilidade de alternativas. Por motivos como estes muitos professores veem na educação apenas uma forma de complementar sua renda, adicionando a docência às suas atividades profissionais. Estes professores, especialistas nas mais diversas áreas de atuação, quando desprovidos de uma ideologia crítica, ao assumirem seus postos em instituições de ensino superior (IES) sem a devida preparação acabam sendo agentes do neoliberalismo preparando seus alunos apenas para o mercado de trabalho. O máximo que professores como estes têm de preparação para a docência é o que sua memória lhes oferece sobre sua experiência como aluno. "O desafio, então, que se impõe é o de colaborar no processo de passagem de professores que se percebem como ex-alunos da universidade para o ver-se como professores nessa instituição".<sup>36</sup> Professores como estes não são capazes de atuar em sala de aula de forma plena, pois dominam apenas o conhecimento de conteúdo específico e ignoram o conhecimento pedagógico geral, o que os impede de desenvolver o conhecimento pedagógico do conteúdo<sup>37</sup>, o que necessariamente compromete o desenvolvimento dos alunos. Deste modo, a necessidade de se ter cursos específicos para a formação de professores do ensino superior se torna evidente.

---

<sup>35</sup> PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos. **Docência no ensino superior**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2010, p. 76.

<sup>36</sup> Ibid., p. 79.

<sup>37</sup> MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. Aprendizagem da docência: algumas contribuições de L. S. Shulman. **Revista Educação**, Santa Maria, v. 29, n. 2, p. 1-11, 2004.

O professor de uma identidade profissional bem construída, historicamente situado, ativo, político e autônomo aprecia o conhecimento infinito, no qual admite que quanto mais se sabe, mais se dá conta de tudo que ainda falta saber. Este professor esclarecido estabelece uma relação horizontal com seus alunos<sup>38</sup>, avalia o processo, e não os produtos, e atua utilizando a dimensão atitudinal<sup>39</sup> de forma muito mais intensa do que se faz hoje, a qual, mesmo que diretamente ligada a conceitos e procedimentos, envolve afeto e cognição, valores e atitudes. Assim o professor, sem impor os próprios valores, faz com que o aluno pense sobre os dele. Ele não se coloca como o detentor do conhecimento a ser compartilhado, mas como um mediador pedagógico, e

por *mediação pedagógica* entendemos a atitude, o comportamento do professor que se coloca como um facilitador e incentivador ou motivador da aprendizagem, que se apresenta com a disposição de ser uma ponte entre o aprendiz e sua aprendizagem.<sup>40</sup>

22

Outra ação deste professor seria a constante revisão sobre sua prática, através de ferramentas como o modelo do raciocínio pedagógico, que consiste das seguintes etapas: compreensão, transformação, instrução, avaliação, reflexão e nova compreensão<sup>41</sup>, estando assim sempre embasado pela máxima socrática “só sei que nada sei”. Além disso, a atuação deste professor não deve se limitar à sala de aula,

ele deve também estar atento à realidade de seus alunos, ao meio social em que vivem, o que o chama

---

<sup>38</sup> ZEICHNER, Kenneth M. Uma análise crítica sobre a "reflexão" como conceito estruturante na formação docente. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 29, n. 103, ago. 2008.

<sup>39</sup> ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

<sup>40</sup> MASETTO, Marcos Tarciso. **O professor na hora da verdade: a prática docente no ensino superior**. São Paulo: Avercamp, 2010, p. 175, grifo do autor.

<sup>41</sup> MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. Aprendizagem da docência: algumas contribuições de L. S. Shulman. **Revista Educação**, Santa Maria, v. 29, n. 2, p. 1-11, 2004.

a intervir no próprio processo curricular. Concebe-se o professor como um mediador decisivo entre o currículo estabelecido e os alunos, um agente ativo no desenvolvimento curricular.<sup>42</sup>

Com ações como estas é possível alcançar o objetivo desejado, no caso proporcionar uma formação crítica aos alunos. Assim, tem-se que articular a experiência docente com estratégias, e para isso as possibilidades são inúmeras. No entanto, lembrado isso, não será possível esta pesquisa seguir por esta linha no momento, devido ao número de autores e conceitos sobre o tema e sua importância para a área, os quais não poderiam ser satisfatoriamente contemplados devido aos recortes necessários.

Voltando à nossa linha de raciocínio, resta ainda um último item, o qual, deixando o presente para trás, mas, obviamente, baseado em tudo o que foi discutido, se esforça para imaginar uma sequência de acontecimentos que culminaria no cenário desejado.

23

## 6. Projeção

Concordando com “a crítica permanentemente presente em [Paulo Freire] à malvadez neoliberal, ao cinismo de sua ideologia fatalista e a sua recusa inflexível ao sonho e à utopia”<sup>43</sup> o mais óbvio, ainda que muito esquecido, torna-se imprescindível. O sonho. A utopia. Pois de nada adiantaria conseguir ocasionar a maior das transformações se não se soubesse aonde quer chegar. Para isso, ter uma aspiração é essencial. E, ao contrário do que o senso comum nos diz, melhor

---

<sup>42</sup> MASETTO, Marcos Tarciso. **Competência pedagógica do professor universitário**. 2. ed. São Paulo: Summus, 2012, p. 83.

<sup>43</sup> FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011b, p. 16.

mesmo é se esta aspiração for uma grande utopia. Isso porque não se pode ir muito longe se o objetivo estiver ali na esquina, ou seja, quanto mais longe se projeta, mais longe se pode alcançar. E isso naturalmente inclui a consciência de que alcançar plenamente o objetivo pode muito bem não ser possível, mas esse pensamento não impede de maneira nenhuma o sonho de existir.

A projeção também se faz necessária quando se entende que para alguns tudo o que foi discutido até agora pode fazer sentido, mas ainda assim não ficar claro aonde se pode chegar. Deste modo a projeção exemplifica a discussão, como se desse vida às teorias.

Sendo assim, a partir deste ponto a rigorosidade científica é colocada rapidamente de lado, pois não existem obras para embasar nossos ensejos, muito embora, tudo o que se segue tenha sido bastante pensado e amadurecido para se aproximar o máximo possível de um futuro plausível.

Uma forma de iniciar esta projeção é, como este trabalho já mostrou, incentivar a realização de pesquisas sobre os temas "papel social da educação" e "formação de atores sociais", incluindo aí, naturalmente, todas as possíveis variantes terminológicas. Assim, teríamos invariavelmente nas conclusões destas pesquisas resultados mostrando a escassez de atores sociais e ausência do papel social na educação. O que pode ser visto positivamente se entendido como uma oportunidade para se criar consciência sobre o problema. Este seria o primeiro passo em direção à transformação, admitir a necessidade de mudança.

A partir do momento que se tem esta consciência, tem-se também uma justificativa para o investimento na criação de mais cursos de conteúdo crítico específicos para a docência, como cursos de formação de professores para o ensino superior.

Assim teremos professores nas mais diversas áreas formados criticamente, através do contato com os principais clássicos da

pedagogia, filosofia, sociologia, história, etc. Com esta formação, estes profissionais, então como professores de IES, já passariam a exercer influência crítica sobre seus alunos, os quais enquanto estudantes e quando egressos teriam a oportunidade de começar a colocar este pensamento filosófico em prática.

No entanto, dentro deste cenário um curso superior se destaca: a pedagogia, uma vez que nela este processo tem um alcance interessantemente maior, pois o ambiente profissional dos alunos dos professores formados por estes cursos é a sala de aula da educação infantil juvenil, e é neste ponto que começa a primeira etapa da atuação a longo prazo.

A conscientização e transformação a longo prazo começaria efetivamente na educação das crianças. Uma mudança dessa magnitude, não poderia acontecer a curto prazo, contudo ao pensarmos a longo prazo nos damos conta do quanto precisamos de um novo sistema de ensino, desenhado para o contexto atual. A falta de capacidade crítica dos estudantes contemporâneos pode ser consequência da sua formação, da formação que tiveram na escola, ou melhor, segundo Sir Ken Robinson<sup>44</sup>, o problema é justamente esse, fato que mostra ao apresentar o conceito do pensamento divergente, que é a habilidade de chegar a várias respostas para uma mesma questão, ou ainda interpretar esta questão de diversas maneiras. Também mostra um estudo que prova que praticamente todos temos essa habilidade quando pequenos e com o passar do tempo, enquanto somos "educados", perdemos essa capacidade. É isso que acontece dentro deste modelo de padronização dos alunos. Precisamos deixar este modelo para trás. Segundo Sir Ken Robinson<sup>45</sup> o que precisamos

---

<sup>44</sup> ROBINSON, Sir Ken. **Changing Education Paradigms**. RSA, 2010. Animação (11min. e 41seg.), son., color. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=zDZFcdGpL4U>>. Acesso em: 16 set. 2012.

<sup>45</sup> Ibid.

não é a evolução do atual sistema de ensino e sim de uma revolução da educação. Sim, precisamos deixar esse modelo baseado em conceitos iluministas e projetado como uma fábrica da época da industrialização para trás e implantar um sistema educacional que permita que essas crianças desenvolvam o pensamento divergente, que lhes seja possibilitada a utilização do livre-arbítrio desde pequenas para que errem muito e assim tenham a possibilidade de aprender empiricamente, porque esse conhecimento não se esquece, que desenvolvamos as matérias mais específicas a ponto de torná-las exemplificáveis e tangíveis, enfim que deixemos para trás tudo aquilo que tolha, castra, lesa, inibe, bloqueia e padroniza, porque assim com o crescimento, desenvolvimento e evolução dessas crianças teremos cada vez mais uma parcela significativa do povo consciente o suficiente para não mais gerar as condições sociais que produzem todos estes cenários e indivíduos criticados no texto. Devemos combater o conformismo com bom humor e com arte, com inconformismo e crítica, com educação, pois “a reflexão, a crítica e o pensamento são inseparáveis de uma transformação lúcida e consequente da realidade”.<sup>46</sup>

Esta projeção se daria na forma de uma espiral ascendente, de modo que cada vez que o ciclo se complete, por exemplo, quando um indivíduo que começou a participar do processo quando criança egressa da educação superior e atua como um ator social formado, ele esteja mais forte e relevante no ambiente em questão.

É muito provável que esse processo de formação crítica a curto prazo, em cursos de docência na educação superior, a médio prazo no ensino superior, através dos professores formados a curto prazo, e a longo prazo no ensino infanto juvenil, tenha que se repetir por algumas gerações, tendo cada vez mais, mais pessoas, digamos, contaminadas por essa consciência crítica e, conseqüentemente, contaminando outras

---

<sup>46</sup> GUIMARÃES, Valter Soares (org.). **Formar para o mercado ou para a autonomia?** Campinas, SP: Papirus, 2006, p. 52.

até que a sociedade tenha mudado o suficiente para que a implantação do novo sistema de ensino seja viável e faça sentido, pois, é importante notar que, caso nos fosse possível implantar um sistema de ensino desses hoje ele simplesmente não funcionaria, pois os seus investidores não têm esse interesse e nem os seus usuários, os alunos, que em geral só veem os cursos superiores como um meio de conseguir um diploma e assim ingressar com um pouco mais de segurança no mercado de trabalho.

Claro que durante todo este processo os agentes do neoliberalismo usarão diversos artifícios para evitar o progresso da formação de um corpo crítico expressivo e essa oposição certamente se intensificará conforme o pensamento filosófico avance sobre o território do mercado. No entanto, quando se pensa em um cenário tão distante como este é muito complicado de imaginar como tudo isso realmente aconteceria devido à infinidade de possibilidades que existem entre o "hoje" e o "lá". Porém uma coisa é certa, o esforço necessário para virar este jogo será diretamente proporcional às décadas de passividade que vivemos até aqui.

## **CONCLUSÃO**

Abordar a sociedade como um todo é impossível. Sua complexidade não cabe em nenhum estudo, por mais esforçado que seja o modo como este é realizado. Portanto, neste estudo, o foco foi a educação, um dos componentes estruturantes da sociedade e, além disso, foi necessário recortar esta educação para se conseguir abordar o que se viu. No entanto, por causa desta metodologia, tantos outros componentes da sociedade foram renegados. Componentes estes que poderiam muito bem ser o foco de trabalhos paralelos a este, tendo juntos um objetivo maior e comum, que então poderia ser analisar a sociedade como um todo a fim de evidenciar seus pontos fracos com o intuito de melhorá-la. Espera-se que este trabalho seja um catalisador neste sentido.

Voltando ao nosso caso, ao se realizar uma revisão dos principais pontos vemos que temos hoje uma sociedade deficiente em múltiplas frentes e uma população pasteurizada e individualista, fruto da bem-sucedida propaganda neoliberal. Assim como a população, a própria educação já se adequou à lógica do mercado. Contudo, enquanto componente estruturante da sociedade, a educação é ao mesmo tempo passiva e ativa, ou seja, ela é influenciada pela sociedade e, simultaneamente, a influencia. O problema, no entanto, é justamente o desequilíbrio nesta relação. Hoje a educação está muito mais influenciada pela sociedade do que a influenciando. Ao buscar o resgate do papel social da educação através da formação de atores sociais, se deseja trazer o equilíbrio de volta à relação educação-sociedade. Neste sentido é necessário entender tanto a crise de identidade da educação superior atual quanto o papel do professor. A seriedade de se alcançar a aplicação plena do papel social da educação com este viés transformador se mostra ainda mais importante ao se lembrar de que nenhum outro componente estruturante da sociedade possui esta potencialidade.

A estratégia, por fim, não consiste em um herói solitário a mudar o mundo, pelo contrário, ela depende de cada simples gesto, posicionamento e ato de cada indivíduo ao longo de suas vidas, seja no exercício profissional ou no convívio pessoal, nas obrigações ou no lazer, contanto que cada uma destas pequenas atitudes seja pensada filosoficamente e embasada criticamente, de forma análoga ao mecanismo da maiêutica socrática. E o percurso para alcançarmos este objetivo passa inevitavelmente através de todas as etapas da educação.